

## A VEIA REVOLUCIONÁRIA DE JOAQUIM PIMENTA

Pedro Leal Miranda

### 1. INTRODUÇÃO

#### 1.1. ENSAIO CIENTÍFICO

O texto que se segue consiste na materialização de mais de um ano de esforços compartilhados, concentrados, sobretudo, na forma de pesquisa de campo e leitura de obras adjacentes. Com o auxílio incomparável da orientação do Professor Doutor Ricardo Japiassu e do incentivo da Faculdade Damas da Instrução Cristã, os pesquisadores se viram amparados e seguros para desenvolver suas capacidades científicas.

O tema central da publicação apresenta-se por meio do título *Ideias Europeias nos Trópicos: Alice Azedo Pimenta e o Comunismo*, carregando consigo os diversos elementos histórico-político-sociais que acompanham a trajetória da escritora e de seus parceiros de luta.

A pesquisa de campo se deu, essencialmente, em visitas à Biblioteca do Estado de Pernambuco, onde se encontra a principal fonte de informações do trabalho, o periódico *O tacape*, veiculado no Estado de Pernambuco, sobretudo na capital, a partir dos anos finais da década de 1920. Jornal de cunho revolucionário, trata dos aspectos econômicos, de temas anticlericais, da estrutura social do estado e do país, da condição do proletariado pernambucano, tal como das revoltas dos trabalhadores espalhados pelo globo, sendo as ideias de seus autores sempre iluminadas pelo viés comunista vindouro do continente europeu.

Atualmente, apenas dois dos volumes do diário podem ser encontrados e mesmo assim apresentando pouco estado de conservação. Portanto, o trabalho de recuperação dos textos se fez essencial para a preservação dos escritos, assim como das ideias contidos

neles. Trazê-los à luz ao público leitor, trará a certeza da perpetuação de seu conteúdo, como desejaram um dia seus autores ao redigi-los.

Em se tratando da especificidade do assunto tratado neste ensaio, o foco será dado ao criador do dito periódico, o multifacetado Joaquim Pimenta, que atuou como ideólogo, político, jurista, líder revolucionário, escritor, jornalista etc. Cearense, sai do Sertão dos Inhamuns para ser um dos pioneiros na adoção do ideal comunista no Brasil, influenciado diretamente pelas ideias de Karl Marx e Friedrich Engels, que se espalhavam rapidamente pela periferia do mundo, especialmente depois da exitosa revolução de 1917, na Rússia.

Desta forma, de defensor do anarquismo no Ceará, Joaquim torna-se figura polêmica do anarco-sindicalismo e isso se dará quando já se encontrava no Estado de Pernambuco, local que adotaria como lar ainda no final da primeira década do século XX. Foi lá que se tornou uma espécie de guia dos proletários do Recife, liderando diversas revoltas contra os abusos dos governantes e do patronato, em sua maioria representados pelas elites tradicionais do estado e pela emergente camada burguesa industrial.

Apesar do incontestável engajamento político, não se envolvia ao longo de sua vida à política partidária, com exceção de sua filiação ao Partido Democrático, agremiação fundada pelo amigo Assis Brasil. A recusa de seguir tal caminho se deu por não estar de acordo com a ordem política que excluía analfabetos, mulheres, padres, soldados e menores de 21 anos, que totalizavam 95% da população.

Pimenta era ainda um crítico voraz do coronelismo nordestino, o que se observará nas distintas lutas travadas contra o domínio das famílias Feitosa, na sua cidade natal, Acioly no estado do Ceará como um todo e Rosa e Silva em Pernambuco.

Observando os textos de Pimenta e as análises de outros a seu respeito, percebe-se que o ideal revolucionário o acompanha desde o início de sua vida acadêmica, se aperfeiçoando com o passar dos anos por meio das experiências obtidas como membro da cátedra e das amizades que cultivara. Escritos do historiador, antropólogo e jornalista Luís da Câmara Cascudo encontrados no jornal *O Tacape*, auxiliam no entendimento da personalidade de Joaquim Pimenta:

(...) alto e sólido, de cabeleira rebelde de "camarada" russo, com feições de imperador bizantino, a vida tem sido uma conquista de ideias. Conquista tão batalhada e larga que bem se pode dizê-la física. Egresso do trabalho anônimo dos lavradores, pupilo de si mesmo, abriu caminho como se corta água refervente do mar - com força e ritmo. A sua jovem e energética fisionomia voltou-se para o operário. Reunio-o, ensinou-o, disciplinou-o. Fê-lo a sua imagem e semelhança, confiado, atlético, sadio. E o relógio quis guiar o relojoeiro.

Vive a nobre intensa do espírito. Até aqui não se entorpeciu debaixo da borla. Não baixou os ombros robustos de lasquenete sob o aconchego do capelomacio. O Prof. Pimenta merece um mais aproximado trabalho de crítica. Ter-se há de examiná-lo, discuti-lo, combatê-lo. O necessário é que não se faça silêncio em volta deste esplêndido temperamento de lutador, soldado de todas as bandeiras libertárias, aliado de todos os gritos de sofrimento. (O Tacape, 1928)

## **2. JOAQUIM PIMENTA: DO SERTÃO À ACADEMIA**

Nasce numa família de dezesseis irmãos, filho do farmacêutico João Nepomuceno Pimenta e da dona de casa Vicência de Sousa Pimenta, a 13 de janeiro de 1886, no município de Tauá, no Estado do Ceará, mais precisamente no Sertão dos Inhamuns, uma das regiões mais secas do Brasil. Como descreveria o próprio Joaquim, na vida adulta, em um de seus livros:

Tauá era apenas uma larga e tortuosa rua, com algumas dezenas de casas em derredor, quase na encosta da serra de Quiniamuiú, à margem esquerda do Trici.

Como outros vilarejos do interior do norte do Brasil, Tauá arquivou, pela tradição oral, a crônica bárbara de antigas famílias que se dizimavam em lutas encarniçadas, que o tempo tornara cada vez mais cruentas.

Sua cidade natal, tal como as regiões Norte e Nordeste do Brasil em sua maioria, além de parte das outras regiões, estava inserida no contexto coronelista característico do final do século XIX e que se arrastou por algumas décadas do século XX. A região dos

Inhamuns, por sua vez, fora palco, da disputa por terras entre as famílias Feitosa e do Monte, personificadas pelos coronéis Francisco Alves Feitosa e Geraldo do Monte. Como narra o cronista cearense Brígido (1919, p.83), ela se iniciou e se agravou por uma série de combates entre as duas facções, as quais procuraram tornar suas tropas regulares, quanto era possível. Sendo ambos oficiais superiores de milícia, e consideravelmente ricos, formaram pequenos exércitos de índios, mamelucos, com os quais fizeram a guerra durante muitos anos.

A família Feitosa triunfara de certa forma nesse embate e, passara a comandar politicamente a microrregião de Inhamuns. "Era chefe político de Inhamuns Lourenço Alves Feitosa, coronel da Guarda Nacional e antigo tenente da Guerra do Paraguai." (PIMENTA, 1945, p.12). Foi neste ínterim, portanto, que Joaquim passara sua infância e parte de sua adolescência, inserido no cenário nortista de sociedade patriarcal, imobilista e na qual imperava a vontade dos mais bem nascidos e, fortes, em consequência.

Aos nove anos, Joaquim fica órfão de sua mãe e, logo se inicia na vida escolar, dando os primeiros passos com o auxílio da professora D. Maria do Livramento, responsável por parte de sua formação moral. Trabalhador precoce inicia suas experiências laborais como cobrador de impostos da municipalidade e, posteriormente, aprendiz de um alfaiate, quem lhe apresenta obras de importância para que lhe aflorassem as primeiras ideias contestatórias, como *O conde de Monte Cristo*, de Alexandre Dumas e *Os miseráveis*, de Victor Hugo. Em seguida, torna-se sacristão, quando, nesta condição, estuda latim e português, e conhece o famoso Padre Cícero, numa visita ao Cariri. Neste momento, apresenta-se como um homem de fé inabalável, seguindo forte tradição de sua família no caminho da cristandade.

Quando apresentava dezoito anos de idade, Joaquim opta por cursar direito, matriculando-se na Faculdade de Direito do Ceará, em janeiro de 1906. Ali, conheceu o professor Soriano de Albuquerque, que viria a ser um grande amigo e um de seus principais mentores intelectuais, como o próprio Pimenta escreveria em sua obra, *Retalhos do Passado* (1945):

(...) Veio daí o fraternal afeto que tão profundamente nos uniu e em mim

sobrevive num culto de inextinguível gratidão e saudade.

Ainda nesse ano, inicia sua trajetória no jornalismo, fundando com alguns colegas de academia a revista *A Fortaleza*. Um ano depois, apesar de sua experiência como sacerdote na adolescência, passa a escrever textos de cunho anticlerical no jornal *O Demolidor*. Esse abandono da fé religiosa e a adoção de ideais anticlericais se deve em grande parte aos conselhos de Soriano, tal como ao acesso às teorias evolucionistas de Darwin e, principalmente, Hebert Spencer, das quais se torna seguidor.

### **3. CORONELISMO: PRIMEIRAS BATALHAS DA GUERRA DE JOAQUIM**

Ir-se-á, a fim de introduzir o tratamento da temática coronelista, utilizar o conceito criado pelo jurista e escritor Victor Nunes Leal (1948), que dissertaria em sua obra *Coronelismo, enxada e voto*:

(...) o coronelismo é, sobretudo um compromisso, uma troca de proveitos entre o poder público, progressivamente fortalecido, e a decadente influência social dos chefes locais, notadamente senhores de terras. Não é possível, pois, compreender o fenômeno sem referência à nossa estrutura agrária, que fornece a base de sustentação das manifestações de poder privado (...).

Fenômeno que possui suas raízes em meados do século XIX pode ser atrelado à criação da Guarda Nacional, que se deu no contexto após a abdicação de Pedro I. A Guarda fora criada, em 1831, com intuito de evitar uma atitude restauradora por parte dos militares, que se encontravam espalhados nos diversos níveis locais, com vista à volta do imperador. Dessa forma, foram extintos os antigos corpos de milícias, as ordenanças e as guardas municipais, no sentido de centralizar o poder militar brasileiro.

Uma vez que os quadros das corporações eram indicados pelo governo central e pelos presidentes das províncias, passou-se a conhecer uma nova expressão de tráfico de influências e corrupção. Como os grandes latifundiários estavam fincados na estrutura das elites brasileiras, esses líderes, começaram a financiar campanhas políticas de seus "afilhados", e ao mesmo tempo ganhar o poder de comandar a Guarda Nacional.

Devido a esta estrutura, a patente de coronel da Guarda Nacional, passou a ser equivalente a um título nobiliárquico. Somada a condição de oligarca, esta patente passou a dar legitimidade para que os latifundiários, seguindo apenas suas vontades, exercessem poder de maneira autoritária sobre o povo.

Lendo-se as descrições e particularidades do coronelismo, percebem-se inúmeras semelhanças com o fenômeno do *caudillismo*, que, segundo historiadores, tem seu início datado dos anos posteriores às independências das colônias hispano-americanas, em torno da década de 20 do século XIX, portanto. Esse tipo de manifestação, pois, tinha maior expressão no continente latino-americano, embora possa ser localizado em alguns países da África e até mesmo da Europa.

O *caudillismo* pode também ser de índole militar, mas isto não consiste em um de seus elementos essenciais. Sua formação está baseada na força de elites latifundiárias tradicionais, portanto de caráter rural, que tendem a se perpetuar no poder, favorecidas pela estrutura social herdada do período de ocupação dos colonizadores. A população, que em sua grande maioria era analfabeta, sem conhecimento algum de ideais democráticos, encontrava-se alijada do poder, não tendo capacidades de questionar o *status quo*.

O caudilho, assim como o coronel, impõe suas vontades à população. Uma das sutis diferenças entre eles, entretanto, observa-se quando o primeiro exerce o poder segundo seu carisma e sua liderança e o segundo, tende a fazê-lo calcado na imposição de força e de medo. Pode-se dizer, assim, que o coronelismo é uma espécie de *caudillismo* à brasileira.

Pode-se supor, ainda, que a proximidade entre o Brasil com os demais países afetados por esse fenômeno tenha influenciado o nascimento de evento semelhante em seu território, inclusive porque foi constatada a existência de caudilhos nos moldes dos países vizinhos, sobretudo na região sul do país.

É mais sensato, porém, imaginar que essas simetrias decorrem do processo de colonização dos países da América Latina, que, seja pelos espanhóis ou pelos portugueses, se baseou na exploração dos territórios e na criação de uma sociedade estamental. Analisando dadas movimentações características das ex-colônias latino-americanas, pode-

se inferir que consistem nas primeiras adaptações de heranças sociais deixadas pelos europeus nos trópicos.

Essa complexa estrutura de poder que, como narra Leal (1948, p.44) tem início no plano municipal, exercido com hipertrofia privada (a figura do coronel), sobre o poder público (o Estado) e tendo como caracteres secundários o mandonismo e o filhotismo, teve no estado do Ceará, sobretudo com o advento República Velha, como máxima representação, a família Acioly.

A supremacia dos Acioly em território cearense se deu simultaneamente ao amadurecimento intelectual de Joaquim Pimenta, que diante dos aprendizados construídos com a ajuda de seus mestres e companheiros no ambiente acadêmico, passou a possuir uma visão cada vez mais crítica acerca do conservadorismo e dos preconceitos arraigados na cultura da região. Sua inserção no contexto político é, pois, gradual e decorrente de toda a formação moral que adquirira. A oligarquia da família Acioly, passa então, a consistir no principal alvo das críticas vorazes desse novo membro da juventude contestadora da ordem vigente.

A primeira importante ação política de Joaquim se deu conjuntamente aos seus camaradas acadêmicos, no ano de 1908, quando enviaram um telegrama ao presidente Afonso Pena, com pêsames pela "morte da república", referindo-se à reeleição de Nogueira Acioly. As consequências do ato não tardaram a vir. Logo, o grupo, principalmente Pimenta, considerado o líder, passou a sofrer com forte perseguição política. Devido ao ocorrido, fora convocado a prestar depoimento e mantido encarcerado por um curto período de tempo, pois, com a pressão dos populares, fora liberado. O fato se tornou de conhecimento nacional e Joaquim, dessa maneira, ganhou grande relevância no movimento estudantil brasileiro, assim como, transformado em herói da resistência anti-Acioly.

A acossa dos agentes aciolinistas para com Pimenta passou a ser cada vez mais constante e intensa. Considerado por eles *persona non grata*, foi aconselhado pelo mestre Soriano de Albuquerque a finalizar seu curso na Faculdade de Direito do Recife, para onde veio no ano de 1909.

#### 4. UMA NOVA ERA DE CONTESTAÇÃO

Já na capital pernambucana, conhece o médico baiano, também diretor da revista *A Evolução*, que lhe convida para escrever semanalmente no *Jornal do Recife*. Pai de Alice Azedo, Raul viria a ser, além de grande confidente e companheiro de luta, seu sogro, uma vez que Joaquim se casaria com sua filha.

Entre os colegas de faculdade, era visto como um líder revolucionário que lutara ferrenhamente contra os Acioly no Ceará e que podia ser de grande ajuda no movimento oposicionista ao governo Rosa e Silva. No ínterim dessa nova fase de sua vida, mais precisamente em 1911, Pimenta aceita o cargo de 1º promotor da Capital, no qual não se firma por muito tempo, devido ao contexto de ebulição popular que se instalou quando do lançamento do general Dantas Barreto como candidato à presidência do Estado de Pernambuco, com o objetivo de pôr fim ao mandato de Rosa e Silva. Percebendo a possibilidade de êxito do movimento, Joaquim pede exoneração do seu cargo, para dedicar-se exclusivamente à causa.

Uma vez vitoriosa a campanha de Dantas Barreto, ela passou a ser considerada um marco da luta nacional pela deposição das oligarquias tradicionalistas. De pronto, Joaquim Pimenta fora contatado por seus conterrâneos com o intuito de que o êxito pernambucano se fizesse transbordar no Estado do Ceará e, por meio de seu intermédio, fosse possível a destituição dos Acioly. E assim o foi. Sendo um dos cabeças destas duas grandiosas conquistas, Pimenta passa a fazer parte, imediatamente, da vanguarda revolucionária nacional.

Ainda no ano de 1911, devido ao seu auxílio incontestável ao sucesso da jornada de Barreto, além dos seus reconhecidos dotes intelectuais, é alçado ao cargo de subsecretário da Inspeção Geral da Instrução Pública de Pernambuco, aproximando-se assim, da pasta da educação, a qual não mais abandonaria. Anos depois, viria a ser aprovado na cátedra da Faculdade de Direito do Recife, tornando-se professor de português da Escola Normal e Livre Docente de Filosofia Jurídica.

Como professor da língua portuguesa, contestava a metodologia estática do idioma adotado até então, afirmando que a língua e a vida abraçavam-se mutuamente e, portanto, necessitava de uma nova roupagem. Como mestre de Direito, opta, em volta do ano de 1919, por dar ênfase ao direito trabalhista e defender ideologias socialistas, das quais se tornara tenaz seguidor.

Neste meio tempo, conhece a filha de seu amigo Raul Azedo, Alice, por quem se apaixona e com quem se casa no ano de 1912. Lili, como era apelidada, veio a se tornar companheira de Pimenta tanto na vida conjugal quanto na trajetória de lutas contestatórias a favor dos trabalhadores, à luz dos ideais marxistas advindos do continente europeu e que se espalhavam pelos quatro cantos do mundo após a Revolução Bolchevique, liderada por Lênin, em 1917, na Rússia.

A partir daí, Joaquim passa a gozar de uma relação cada vez mais estreita com a classe operária pernambucana, transformando-se no mais importante defensor do anarco-sindicalismo do estado. Neste ambiente, foi um dos mentores da paralisação, em 1919, dos trabalhadores da *Pernambuco Transways*, empresa inglesa criada em 1913, em Londres, com a finalidade de instalar e operar linhas de bondes elétricos no Recife, que até então oferecia condições insalubres e salários baixíssimos aos seus funcionários. Tal movimentação conseguiu adesão de diversas outras categorias, até atingir o *status* de greve geral, inclusive uma das mais expressivas do país até os dias de hoje.

Outro movimento encabeçado por Pimenta ocorrera no ano de 1921. Seu objetivo era derrubar o denominado "Orçamento-monstro" aprovado pelo congresso do Estado, que aumentava abusivamente os tributos e afetava diretamente os cidadãos pernambucanos. Desta maneira, busca apoio da classe trabalhista a fim lograr êxito na campanha pela minoração dos impostos. O historiador Michel Zaidan viria a citar o ocorrido, em uma de suas matérias, da seguinte forma:

(...) a década se inicia com duas grandes mobilizações populares, capitaneadas pelo professor Joaquim Pimenta. Uma contra o chamado 'orçamento monstro' – nome atribuído ao abusivo aumento de impostos decretado pelo então

governador José Rufino Bezerra, em 1921, que uniu industriais, comerciantes, donas de casa, operário e o povo em geral. A outra, contra a ameaça de intervenção federal do Estado, ordenada pelo presidente da República, o paraibano Epitácio Pessoa. Em ambos os casos, os trabalhadores urbanos, os funcionários públicos e a população foram arregimentados pelo Dr. Pimenta para lutar por questões apresentadas como de 'interesse geral' da sociedade.

Durante esta cruzada, diversas autoridades passaram a atacar ferozmente a figura de Joaquim, chegando a veicular através da imprensa uma visão distorcida de sua personalidade. Contudo, o movimento triunfaria e o texto aprovado pelo congresso seria revogado. Raivoso pela derrota imposta pela liderança de Pimenta, um dos políticos situacionistas contrata um matador, que chega a alvejá-lo, atingindo-lhe o ombro. Fato que de maneira alguma interromperia seu caminho de luta.

## **5. OS EMBLEMÁTICOS ANOS 1920**

A década de 20 se segue ao período marcado pela Primeira Guerra Mundial que avassalara a Europa com suas manifestações assombrosas de poder bélico e pela Revolução dos Bolcheviques, que içara o ideal social-comunista de Marx e Engels como um dos protagonistas do processo histórico a partir de então. Os anos 20 caracterizam-se no cenário global, ainda, pela consolidação dos Estados Unidos da América como uma das principais potências bélicas, políticas, econômicas e industriais, da consequente perda do monopólio hegemônico das potências imperialistas europeias e da formação da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS).

No âmbito das artes o dadaísmo, de Marcel Duchamp e o surrealismo, de Salvador Dalí e Pablo Picasso tornam-se as principais manifestações mundiais. No Brasil, inaugura-se um movimento artístico-político-cultural a partir da Semana de Arte Moderna de 1922, idealizada por intelectuais como Mario de Andrade, Oswald de Andrade, Anita Malfatti, entre outros. Tal evento lança as bases da busca de uma forma de expressão cultural tipicamente brasileira, que se solidificaria na década posterior.

No Brasil, no que tange à situação política, surge com bastante força o movimento

tenentista. Caracterizado pelo caráter militar, organiza uma série de rebeliões comandadas por oficiais de baixa e média patente do Exército Brasileiro, descontentes com a situação política que vivia o país. Propunham reformas na estrutura de poder, entre as quais se destacam o fim do voto de cabresto, instituição do voto secreto, reforma na educação pública etc.

As principais ações do movimento se configuram na Revolta dos 18 do Forte de Copacabana em 1922, na Comuna de Manaus de 1924 e na Coluna Prestes, liderada por Luís Carlos Prestes, que viria a se tornar um dos principais expoentes do comunismo brasileiro. O movimento tenentista não conseguiu produzir resultados imediatos, já que nenhuma de suas tentativas obteve o sucesso desejado, porém, conseguiu manter vivo o descontentamento contra o poder das oligarquias, representadas nacionalmente pela Política do café-com-leite. Desta forma, o tenentismo preparou o caminho para a Revolução de 1930, que alterou definitivamente as estruturas de poder no país.

Além disso, regressando à esfera global, observa-se uma integração cada vez maior das relações entre as nações, ocasionada pelas revolucionárias inovações nos meios de comunicação e difusão dos *mass media* como o rádio e o cinema, somadas ao aperfeiçoamento dos meios de transporte. O intercâmbio entre os países, de produtos, matérias-primas, mão-de-obra, capital, assim como de informações e ideias passa a se dar de maneira cada vez mais veloz e abundante.

No campo das ideias, o *american way of life*, amparado pelo bem-estar econômico que desfrutavam os norte-americanos, passa a propagar pelo mundo a ideia de felicidade através do consumo. Se valendo como nunca do incipiente processo de globalização e dos *mass media* para expandir sua cultura, economia e política, opta por utilizar o *soft power* como estratégia principal para tal. Quase em concomitância, os ideais marxistas, sobretudo pós-1917, passam a atravessar a Europa e, posteriormente, chega à periferia do mundo. Levantes baseados nos princípios comunistas explodem aos montes ao redor do mundo e filiais do Partido Comunista Russo são fundadas em diversos países, inclusive no Brasil, representado pelo Partido Comunista Brasileiro (PCB), fundado em 1922.

Nos anos finais da década, destaca-se a primeira grande crise do sistema capitalista, iniciada pelo acúmulo exacerbado de estoques pelas indústrias norte-americanas e a consequente queda no valor de suas ações no mercado, que levaram ao *crash* da Bolsa de Valores de Nova Iorque. A Grande Depressão logo se espalhou pelos continentes, devido à interdependência econômica que já se verificava, causando inúmeros prejuízos e recessões econômicas e sociais ao redor do mundo e abrindo caminho para a propagação de ideias alternativas, dentre elas a comunista.

É neste ambiente que os intelectuais e ativistas brasileiros em geral, ganharão fôlego para combater as elites tradicionais que permaneciam estáveis no comando da política nacional e nas diversas regiões do país desde a formação do Estado brasileiro. A década de 1920, portanto, consiste no período de intensificação das ações concretas contra o poder até então intocável destas oligarquias, com o objetivo de implantar uma nova espécie de governo, o que só seria concretizado no ano de 1930.

## **6. A RELAÇÃO PIMENTA - COMUNISMO**

Nos anos imediatamente após a Revolução Russa, o Brasil, assim como alguns países passa a ser invadido gradualmente pelo pensamento marxista. Intelectuais, de pronto passam a conhecê-lo e implantá-lo, a fim de contestar a ordem vigente e criação de uma sociedade renovada, alcançada por meio da luta de classes. Joaquim Pimenta além de abraçar tais ideais, passa a ser um dos seus principais representantes no país, utilizando vários meios para propagá-los, seja na Cátedra, nos movimentos trabalhistas que liderava ou por meio de seus escritos em livros, jornais e revistas.

Como escritor, cria obras ecléticas, tendo elas em comum, pensamentos questionadores acerca do contexto político e social brasileiro nas respectivas épocas em que escreve. São elas: *Ensaio de Sociologia* (1915), *Sociologia e Direito* (1928), *Golpes de Vista* (1930), *A Questão Social e o Catolicismo* (1936), *Cultura de Fichário* (1940), *Retalhos do Passado* (1949), *Enciclopédia de Cultura* (1955), *Sociologia Econômica e Jurídica do Trabalho* (1957) e *O Homem de um Olho Só* (1962).

Exercendo o papel de jornalista, sobretudo a partir da década de 20 escreve assiduamente para inúmeros jornais de menor porte e alguns da Capital da República, como *O Jornal do Commercio*, *O Jornal*, *o Correio da Manhã*, *Imparcial* e *País*, além de fundar alguns periódicos como *A fortaleza*, *O Libertador* e *O Tacape*.

*O Tacape*, fundado a partir de esforços compartilhados de seu sogro, Dr. Raul Azedo, Hersílio de Sousa e Metódio Maranhão, e também de sua esposa Alice Azedo Pimenta, funciona de 1928 a 1930. Jornal ideológico de crítica social e de cunho panfletário, contava com publicações quinzenais abrangendo áreas diversas do conhecimento como religião, socialismo e críticas ao capitalismo, direito, entre outras. Assim, passa a ser a principal fonte de acúmulo das ideias comunistas de Joaquim e de seus companheiros.

O Prof. Pimenta merece um mais aproximado trabalho de crítica. Ter-se-há de examiná-lo, discuti-lo, combatê-lo. O necessário é que não se faça silêncio em volta deste esplêndido temperamento de lutador, soldado de todas as bandeiras libertárias, aliado de todos os gritos de sofrimento. Quando o Prof. Joaquim Pimenta resolveu dirigir uma revista chamou-a "Tacape". Pela arma deduzam o pulso do guerreiro. (CASCUDO, 1928)

Os artigos de Joaquim publicados em *O Tacape* são em sua maioria de natureza política. Há lugar em suas passagens para questionamentos acerca do comportamento da sociedade brasileira, baseado, segundo ele, em condutas desviantes, em moralidade inescrupulosa, que traz consequências bárbaras a todos os seus âmbitos. No que se refere ao papel das elites dirigentes do país, afirma que agem com o objetivo único de manutenção do *status quo*, se utilizando da covardia do povo, que sempre depende de uma entidade qualquer que se instala em seu cérebro, o impedindo de raciocinar e que está acostumado com o pensamento de submissão observado desde a chegada dos portugueses ao nosso território.

Para Joaquim, o sentimento de obediência acompanha o brasileiro desde sua infância, quando a família o implanta sem, entretanto, esclarecê-lo pelas razões naturais em que se funda. O que se aperfeiçoa na escola primária e tende a dilatar-se com o passar dos

anos e das experiências pessoais e profissionais. Formar-se-ão, portanto, cidadãos inertes, sem força e espírito de contestação da realidade em que se vive, dando livre passagem às ações perversas dos governantes.

Os males sociais que nos afligem: corrupção e desvarios políticos; bancarrota financeira, crônica, produto de governos imprevidentes, inábeis ou pouco escrupulosos; crises econômicas generalizadas e tendentes dia a dia a agravar-se; atestados ostensivos a direitos irrevogáveis; ignomiosas adulterações de normas constitucionais, para amparar ambições de mando ou salvaguardar interesses de camarilhas; todo esse quadro lúgubre de misérias humanas, denunciando a decadência precoce de um regime, e em um povo que mal se inicia na história da civilização contemporânea, repete-se a cada passo ser o reflexo de uma profunda depressão de caráter nos principais dirigentes do país.

(...)Esse vício básico do nosso caráter, adquire-se ou se fortalece no ambiente doméstico, aperfeiçoa-se na escola primária, disciplina-se com o dilatar-se da personalidade individual na carreira ou profissão que tocar a cada um.

Na família, comunica-se à alma das crianças o sentimento de obediência, sem esclarecê-lo pelas razões naturais em que se funda; ou não, se não lhes comunica sentimento algum que lhes possa traçar da vida uma diretriz. Então, desenvolve-se o menino só conhecendo do mundo as suas torpezas.

Quanto à escola primária, é um estúpido mutilador de cérebros; tanto embrutece, como corrompe a mentalidade infantil incutindo-lhe uma veneração idiota a heróis que se celebrizaram por homicídios coletivos, por cidades e aldeias que destruíram, pela ferocidade com que espalharam a dor, o sofrimento; pervertendo-a, deformando-a por um respeito inconsciente, mecânico, servil, a isso que se chama "princípio de autoridade" e que, quase sempre, não passa de uma tirania disfarçada. (*O Tacape, 1929*)

Homem à frente de seu tempo, também se utiliza de suas publicações no jornal para questionar a exclusão da mulher do processo eleitoral, e, ainda mais, dos cargos da administração pública do país, assim como sua dificuldade de acesso a qualquer emprego que exija capacidades intelectuais. Quando a luta feminista ainda engatinhava até mesmo a

nível global, Joaquim já pregava igualdade de gênero, se utilizando de princípios do direito trabalhista e de exemplos de conquistas externas para justificar suas proposições, como se pode constatar no trecho:

E não se diga que esse vertiginoso progresso do fique circunscrito à Inglaterra e a outros países onde a mulher vai conquistando postos que, até bem pouco tempo, lhe eram vedados, e que ela atualmente ocupa com as mesmas aptidões, com o mesmo tino, se não com mais argúcia do que muitos êmulos de Richelieu. Dado o alto grau de sugestibilidade do mal chamado *sexo fraco* e mais do que isto, a consciência que, dia a dia, se lhe fortalece de que, intelectualmente, moralmente, socialmente, ele em nada pode ser inferior ao homem, como vêm os fatos comprovando, é mais que provável, entre os povos que já atingiram um certo estágio de cultura, um rápido e empolgante recrudescer do movimento feminista, pois deixa de ser um simples episódio, para ser um fenômeno sociológico, que se generaliza, na civilização contemporânea. (O Tacape, 1929)

O apoio à causa operária e dos camponeses é também um dos principais focos de suas composições, tanto no sentido de guiar-lhes com seus pensamentos embebedados de princípios marxistas, expondo exemplos de levantes exitosos em outros países e apresentando os desvios e falhas do patronato burguês e dos senhores de terra. Tais aspectos ficam claros nas seguintes passagens:

O recente pleito eleitoral da Inglaterra, para renovação do parlamento, oferece-nos aspectos que não podem passar despercebidos ao crítico de fatos sociais. O primeiro é a vitória dos trabalhistas, vitória tanto mais significativa quanto representa uma demonstração de força e de prestígio de um partido contra o qual se levantara, determinando a sua queda de poder, isto há quatro anos, uma campanha de intrigas, toda ela urdida em torno de uma correspondência apócrifa, dada como procedente de Moscou, e que viria colocar o Sr. Mac Donald e os seus colegas de governo em posição esquerda perante a opinião do país.

(...) além de ter tornado os meios de subsistência cada vez menos acessíveis às massas proletárias, aguçou ele em patrões e operários a ambição de enriquecer, de gozar; suscitou nos últimos uma ideia de conforto, ou antes, um ideal de vida, não antevisto pelo escravo e o servo da gleba. O operário de agora,

sobretudo o operário urbano, que lê diariamente o seu jornal e frequenta determinados círculos onde se pensa e se discute, sente que não deve ser uma simples máquina do patronato; que, se tem músculos, tem também um cérebro, uma alma como os outros seres humanos a quem a fortuna sorri. É homem, é cidadão (...) (O Tacape, 1929).

Por sua notável conexão com a classe trabalhadora e sua luta pelos direitos do operariado, uma vez instaurada a Revolução de 1930, causando o fim da República Velha e da política do café-com-leite e a conseqüente ascensão de Getúlio Vargas ao poder, Joaquim tivera reconhecidos seus esforços. Já em 1932, através de decreto presidencial é transferido para a Universidade do Brasil, no Rio de Janeiro, para onde se muda e é nomeado, no mesmo ano, pelo ministro Salgado Filho como procurador do Trabalho.

Impossibilitado de acumular cargos, opta por dedicar-se à cátedra e à publicação de obras nas décadas subsequentes. Sem abandonar o caráter crítico, questiona em todas as suas composições as teorias tradicionais, propondo sempre renovações sociais, jurídicas, políticas etc. Em 1963, um ano depois de completar sessenta anos de magistério, morre aos 77 anos de idade, no Rio de Janeiro, no dia 07 de março, completamente realizado como humanista e deixando um extenso legado para a sociedade brasileira.

## 7. CONCLUSÃO

Pela observação dos aspectos apresentados, percebe-se que o ideal de contestação é algo que pode ser diretamente relacionado ao personagem central do ensaio. Tendo contato com obras de autores clássicos como Victor Hugo e Alexandre Dumas ainda na adolescência, Joaquim passa a enxergar o contexto em que vivia de forma crítica, o que amadureceria diante das diversas experiências que viria a atravessar em sua vida. Na Faculdade de Direito, tem acesso a uma gama de teorias e passa a gozar de diversas amizades que o ajudariam a encorpar seus questionamentos em relação à realidade. No Recife, aproxima-se da classe operária, passando naturalmente a participar do jogo político do estado e, logo, do país, se afastando do contexto partidário, entretanto.

Indivíduo de várias facetas, dá sua contribuição a variadas áreas do conhecimento como ao direito, à política, à literatura, ao jornalismo etc. Escritor nato, foi autor de diversos livros de abordagens jurídicas, políticas, sociais, econômicas, entre outras. Ademais, assumindo o papel de jornalista, tinha o hábito de publicar textos em inúmeros periódicos nacionais e locais, além de ter fundado alguns deles, como a ferramenta central desta pesquisa, *O Tacape*.

No que se refere a *O Tacape*, foi fundado em Pernambuco, conjuntamente a alguns companheiros de luta, incluso sua esposa, Alice Azedo Pimenta e seu sogro Raul Azedo. Trata-se de um jornal de caráter crítico em relação ao ordenamento tradicional e iluminado pelo ideal comunista, importado do continente europeu e recém-chegado ao Brasil.

No tocante aos princípios comunistas, passam a ser massivamente difundidos não só no Brasil, mas também no resto do mundo, após o êxito da Revolução Bolchevique de 1917, na Rússia. Isso é verdade, sobretudo com o advento dos anos 20 e a intensificação das relações internacionais, alcançada através das notáveis inovações e difusão dos *mass media* e dos meios de transporte, que possibilitaram um intercâmbio cada vez maior de produtos, informações e ideias.

Dessa maneira, em decorrência do incipiente processo de globalização, ideais adquiridos de outras partes do planeta passam cada vez mais a serem adaptados aos contextos locais a fim de transformar as realidades. Esse processo é nitidamente percebido ao longo do ensaio, sobretudo quando se narra a importância da utilização do ideal comunista para contestação do *status quo*, auxiliando na justificativa do questionamento da manutenção das oligarquias tradicionais no poder e na conquista de direitos trabalhistas, por exemplo.

## 8. BIBLIOGRAFIA

BARBOSA, Edmilson. **Joaquim Pimenta**. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2004.

BRENER, Jayme. **1929 - A crise que mudou o mundo**. Editora: Ática

CHANDLER, Billy Jaynes. **Os Feitosas e o sertão dos Inhamuns**. Fortaleza: Edições UFC, 1981.

HOBSBAWN, Erick. **A Era dos Impérios (1875-1914)**. 8º Edição. Paz e Terra: Rio de Janeiro, 2003.

LEAL, Victor Nunes. **Coronelismo, enxada e voto**. Rio de Janeiro: Forense, 1949.

MOTA, Aroldo. **História Política de Tauá**. Fortaleza: ABC Editora, 2002.

PIMENTA, Joaquim. **Retalhos do passado**. Fortaleza: Fundação Waldemar Alcântara, 2009.

WILSON, Edmund. **Rumo à Estação Finlândia**. Tradução: Paulo Henrique Brittos. Companhia das Letras, 1986.